

TESTEMUNHO

A vida acadêmica não é feita apenas de livros, teorias e métodos, mas sobretudo pelo convívio de ideias. Tal coisa não se faz apenas com investigação de um determinado *corpus* e aplicação de referências teóricas, porque antes de tudo persiste o humano, e a movimentação do conhecimento implica afinidades, troca de experiências e afetos.

Digo isso nestas alturas da minha carreira docente, olhando os encontros felizes com que me deparei ao longo da jornada. Quando, por exemplo, elaborava o foco de um projeto que viria a se constituir em trabalho de tese de doutoramento, comentei esse interesse com uma colega da UFSM, que já havia sido minha professora na graduação, Aldema Trindade. Ela então me sugeriu buscar auxílio na fenomenologia, assunto novo para mim. Fui indagar a respeito do tema a outra colega que havia sido minha orientadora do Mestrado, professora Maria Luíza Remédios, e ela me fez chegar até a professora Maria da Glória Bordini. Segundo Maria Luíza, a única pessoa que entendia do tema aqui no Estado – sem exagero, creio que a abordagem da literatura pela senda aberta por Husserl e seu discípulo Ingarden não tenha mesmo outras vozes qualificadas nesse nível.

O convívio com a minha mestra Maria da Glória transcendeu o ambiente da PUCRS. A necessidade de circular entre Santa Maria e Porto Alegre, levou-me a uma vida acadêmica itinerante. Por uma feliz coincidência, eu me hospedava na casa do meu irmão, na Zona Norte da capital, a duas quadras da residência da minha orientadora. Só necessitava atravessar a Assis Brasil para trocarmos informações sobre o andamento do trabalho de tese. Foi ela que me disciplinou para manter a minha produção dentro do que se espera de um texto científico. Minha forma de escrever é livre, por vezes anárquica, pela prática do texto poético ou humorístico. Também padecia naquela ocasião de uma prolixidade aterradora: se não fosse o trabalho paciente de uma especialista no assunto que ainda teve um bom tempo de atividade como revisora, o resultado final seria um calhamaço de umas mil páginas.

Ainda nas salas de aula da PUC, convivendo com excelentes colegas, fui ocupando um nicho que me isolava do restante da turma, ao começar a me envolver até à medula com as ideias de Husserl. Somente a experiência de Maria da Glória, para eu não me perder por completo naquele oceano de novidades epistemológicas. Creio que fizemos um bom percurso, porque, ao chegar à banca, que contava com Alexandre Barbosa e Ernildo Stein, pude

me desempenhar com muita propriedade. Graças a toda essa experiência vivenciada por minha orientadora e amiga-acadêmica, posso falar com convicção sobre o “fenômeno da produção poética” em minhas oficinas literárias. Para além dos conteúdos necessários em tais encontros, enfatiza-se a necessidade de convívio entre os que buscam a inquietação da alma para a prática da arte, para que se crie uma linguagem que dê conta dessa maneira peculiar de intuir o mundo. E, na minha própria experiência, adquiri essa competência no convívio de mestres e colegas com a grandeza da minha sempre orientadora Maria da Glória Bordini.

Orlando Fonseca
(UFMS)